

PESQUISANDO COM SABEDOR INDÍGENA *IDJÚHR GAVIÃO*: PLANTAS MEDICINAIS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL IKOLEN GAVIÃO DE RONDÔNIA¹

José Palahv Gavião²

RESUMO:

O objetivo principal deste estudo foi dar continuidade a pesquisa iniciada na graduação cujo objetivo foi identificar e categorizar as ervas medicinais conforme os conhecimentos tradicionais do povo Gavião através das narrativas do sabedor indígena *Idjúhr Gavião*. **A pesquisa foi realizada** na aldeia *Pasav ádoh* (Cacoal) povo Gavião Ikolen, terra Indígena Igarapé Lourdes no município de Ji-Paraná/RO no período de outubro de 2017 a de 2018. Considerando que a pesquisa é de abordagem qualitativa (LUDKE, 2000), utilizamos para a coleta de dados a entrevista semiestrutura (BOGDAN e BIKLEN, 1995) com um velho sabedor indígena aliada a observação, registros fotográficos/vídeos das plantas identificadas e apresentadas pelo referido sabedor. A pesquisa de campo envolveu outras pessoas além do pesquisador e do colaborador indígena, participou ativamente da pesquisa outros professores indígenas e 75 estudantes da escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Zavidjahj Xikobi pohv da aldeia Igarapé Lourdes, cuja participação expressou em um objetivo secundário da pesquisa, o de “socializar e envolver na pesquisa de campo estudantes indígenas”. Observa-se um conhecimento essencial para o registrar, preservar a cultura tradicional sobre as plantas medicinais do povo Gavião, onde foram listadas 53 plantas com diversas finalidades. Neste sentido, o trabalho não tem

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Escolar Indígena do Departamento de Educação Intercultural da UNIR, sob orientação da professora Mestra Vanubia Sampaio dos Santos do Departamento de Educação Intercultural e Co-Orientação do Professor Doutor Reginaldo Nunes de Oliveira do Departamento de Ciências Humanas e Sociais – DCHS, UNIR, *Campus Ji-Paraná*.

² Licenciado no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR, *Campus Ji-Paraná*, com habilitação na área de Ciências da Natureza. Professor indígena da EEEFM Zavidjahj Xikobi Pohv, aldeia Igarapé Lourdes, TI Igarapé Lourdes. Ji-Paraná-RO.

somente a função de registrar e categorizar essas plantas, mas o de compartilhar esse conhecimento sistematizado para a comunidade escolar e estar presente no currículo da nossa escola indígena.

Palavras-chaves:

INTRODUÇÃO

Esse trabalho está dividido em três momentos, o primeiro refere-se ao história do meu povo (Gavião Ikolen), o segundo momento refere-se a minha trajetória de vida pessoal e profissional (memória autobiográfica como professor indígena e o terceiro momento refere-se a trajetória da pesquisa de campo com o sabedor Idjúhr Gavião, conhecido mais como Valtorino Gavião Vása Sèv da aldeia Pasav ádoh e a experiência de uma aproximação do conhecimento escolar e dos processos próprios de ensino aprendizagem ao envolvermos os estudantes da escola indígena a participar da pesquisa de campo com o sabedor indígena no momento da pesquisa de campo (floresta) como identificar, registrar e coletar as plantas com objetivo de estimular os alunos ao processo de pesquisa. E por fim as considerações finais sobre a pesquisa e as possíveis repercussões dessa pesquisa na comunidade e na escola com os estudantes.

Considerando o objetivo desta pesquisa que é investigar e aprofundar conhecimentos sobre as plantas medicinais tradicional utilizada pelo povo considerando que a pesquisa é de abordagem qualitativa (LUDKE, 2000), utilizaremos para a coleta de dados a entrevista semiestrutura (BOGDAN e BIKLEN, 1995) com o sabedor indígena Gavião e observação e registros fotográficos das plantas.

Qualquer atividade desenvolvida no âmbito escolar deve priorizar o aluno, a melhoria da sua qualidade de vida, promovendo novas aprendizagens, pretendemos dar continuidade a essa atividade de complementação curricular venha desenvolver nossos alunos uma nova possibilidade de aprendizagem, visando proporcionar-lhes conhecimentos práticos relativos à sua saúde e ao seu bem estar e paralelamente construir na escola um novo espaço pedagógico, para conscientizar. Considerando que ao cuidar da conservação das plantas

medicinais na floresta e na escola todos serão beneficiados alunos, famílias e comunidade em geral.

Considerando ainda, que ao longo da história, parte da humanidade sempre buscou desvendar os mistérios dos usos das plantas com finalidade terapêutica, muitos conhecimentos foram se acumulando, de geração a geração, porém, o que popularmente hoje conhecemos e usamos são fragmentos desse conhecimento sobre a utilização das plantas com finalidade medicinal, podemos dizer que faz parte da nossa cultura oral.

As definições sobre as plantas medicinais e as diferentes concepções nas sociedades tradicionais segundo alguns teóricos e pesquisadores evidenciados ao longo deste dois parágrafos abaixo se aproximam muito das concepções apresentas nesta pesquisa como sabedor Valtorino. Destacamos aqui as contribuições de Coutinho, Travassos e Amaral (2002), ao afirmar que as plantas representam uma importante ferramenta na promoção da saúde em muitas regiões do Brasil, em particular para muitas comunidades indígenas. Historicamente, as plantas medicinais sempre foram objetos de estudos de uma área denominada farmacognosia.

Segundo os autores, nesta área o interesse era examinar e caracterizar as drogas ou base medicamentosa de origem natural, utilizadas como matéria-prima para preparação de medicamentos (DI STASI, 1996, Apud PALAVH, 2015, p.11). Assim o homem foi analisando a importância das plantas medicinais através de testes e desenvolvimento de tecnologias que auxiliou nos avanços do trabalho sobre as plantas medicinais, neste sentido, foi possível pesquisar, descobrir, classificar cada planta de acordo com as suas potencialidades e características para combater os males que acometiam o corpo humano.

Para Di Stasi (1996, Apud PALAVH, 2015, p. 11), a necessidade exige e a ciência busca a unificação do progresso com aquilo que a natureza oferece, respeitando a cultura do povo em torno de usos de produtos ou ervas medicinais para curar os males. Segundo Arnous et al. (2005), as plantas medicinais sempre foram utilizadas, sendo no passado o principal meio terapêutico conhecido para tratamento da população e, a partir do conhecimento e uso popular, foram descobertos vários medicamentos utilizados na medicina tradicional. (PALAVH, 2015, p. 11)

Para Amorozo (1996) a etnobotânica é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas como os usos que dá a elas. Ao longo de sua história, a humanidade tem utilizado espécies vegetais como recurso inerente a sua sobrevivência, desenvolvendo métodos cada vez mais sofisticados para de manipulação desses recursos.

A aquisição destas práticas, desenvolvidas e repassadas durante várias gerações, tem despertado o interesse científico de conhecer como os recursos florestais são usados e explorados pelas pessoas. Aliado a isso, existe um quadro preocupante do acelerado processo de degradação que os ecossistemas vêm sofrendo (SAMPAIO e GAMARRA-ROJAS, 2002, Apud PALAVH, 2015, p.12)

Assim, buscamos a continuidade do conhecimento tradicional e científico e as finalidades e uso das plantas medicinais pelo nosso o povo, bem como, disponibilizar esse conhecimento aos alunos indígenas bem como toda a comunidade do nosso povo Ikolen Gavião.

1- BREVE CARACTERIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA IGARAPÉ LOURDES E DO POVO GAVIÃO

A Terra Indígena Igarapé Lourdes (Figura 01) foi criada pelo Decreto n.º 88.609 de 09/08/83, possuindo uma área de 185.533,5768 hectares (cento e oitenta e cinco mil, quinhentos e trinta e três hectares, cinquenta e sete ares e sessenta e oito centiares) e um perímetro de 270,583 km.

A Terra Indígena é habitada por dois povos indígenas, os Gavião, autodenominados IKolen, e os Araras, que se identificam como Karo Rama-Rama, os quais, sujeitos as dinâmicas e pressões advindas de frentes de expansão da sociedade nacional, travaram contatos entre si – ainda que tensos, com trocas culturais, casamentos e, finalmente, após o contato com regionais – seringueiros e seringalistas – conflitos e mortes, realizaram laços de amizade e aliança através de casamentos e novas formas de organização

e articulação. Articulações essas que hoje estão representadas através da Associação Panderej, que congrega, entre outros, ambos povos indígenas. Os dois grupos são falantes da família linguística Tupi Monde (CARDOZO e JUNIOR, 2012 *apud* PALAVH, 2015).

Na Terra Indígena Igarapé Lourdes localizam-se as seguintes aldeias: Ikoleehj, Igarapé Lourdes, Cacoal, Nova Esperança, Cascalho, Tucumã, Teleron, Maloca-grande, Castanheira e Final da área, onde os fundadores das aldeias são responsáveis pela organização e estruturação da aldeia e a pessoa é considerada como liderança ou cacique. Portanto, essa pesquisa foi realizada na Terra Indígena Igarapé Lourdes, especificamente na Aldeia Cacoal (Figura 01), que fica próxima da Aldeia Ikolehj, distante 58 Km do município de Ji-Paraná, com integrantes da etnia Gavião.

A população do povo Gavião está estimada atualmente em cerca de 840 pessoas, de acordo com informações fornecidas pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do ano de 2013. A economia do povo Gavião está baseada no sistema produtivo e reprodutivo, extração de látex de seringa, extração de óleo de copaíba, colheita de castanhas, produção de arroz, feijão, farinha, milho, banana, entre outros produtos, que são comercializados ou utilizados para a subsistência do povo Gavião. Existe roça comunitária comandada pelo cacique da aldeia e uma roça particular para cada família, onde produz diversos produtos, tanto para o consumo pessoal ou venda. (PALAVH, 2015, p. 15-16).

É importante neste sentido, frisar e reconhecer, o processo histórico do povo Gavião, que nos seus antepassados sempre visitavam e conviviam com a etnia Panyjeje, Zoró no estado de Mato Grosso. Assim, a etnia Gavião se relacionava com eles e praticavam caça e pesca, usos de plantas medicinais, trabalho, construção, casamentos, praticando assim o modo de viver dessa etnia. Os povos então tinham um intercâmbio e relações muito fortes, semelhantes e até com tronco linguístico igual. Durante essa convivência essas duas etnias transferiram seus conhecimentos uns aos outros, ensinando principalmente sobre as plantas medicinais, os modos de preparo e potenciais de uso.

Por isso que hoje, nos conhecimentos sobre as plantas medicinais do povo Gavião, existem as que foi ensinado pela etnia Zoró e até mesmo Suruí e Cinta Larga. Cada povo vem praticando, valorizando, preservando aquilo que amparavam e sustentavam a sua sociedade em relação a saúde da comunidade. Assim, o povo Gavião tem as suas peculiaridades culturais, como dança de pajelanças, modo de preparação e infusão das ervas, hábitos alimentares, jeito de viver e habitar em seus ambientes naturais

2. MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR INDÍGENA GAVIÃO IKOLEN: HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO ACADÊMICA - PROFISSIONAL



José Palahv Gavião, 2019. Acervo do pesquisador.

Nasci no dia 28 de outubro no ano de 1981 na aldeia Igarapé Lourdes, Terra Indígena Igarapé Lourdes município de Ji-Paraná estado de Rondônia. Meu nome em português é José e na língua materna é Palahv, sou da etnia do povo Gavião que se autodeclara Ikolen. Sou filho de Antônio Tapa Madjóhr Gavião e da Joana Bajbihr Zoró da etnia Zoró de Mato Grosso, os dois são separados, meu pai vive na aldeia Ikolen e minha mãe na Terra Indígena Zoró-MT. Sou casado com Juliana Adjúhv Gavião filha de Miguel Tígihv Gavião e Luiza Xikátuhv Zoró. Tenho seis filhos, sendo, dois meninos e quatro meninas, o primogênito é Alexandre Pasér Pohj Gavião, depois vieram o Alex Djitere Gavião, Jaqueline Pítihv Gavião, Joseane Kávkúv Gavião, Jéssica Pasér kuluv Gavião e Giuliane Távír sor kuv Gavião.

A família do meu pai é tradicionalmente ligada a cultura são pessoas conservadores da cultura do povo Ikolen-Gavião. Meus avós moram na aldeia Pasav Adoh (Cacoal) meu avô é um homem muito conhecido era pajé, o nome dele é João Alamã Gavião e a minha avó é Raimunda Tape vóhv Gavião, são pessoas que praticam e conservam o modo de ser, viver, falar, pensar e produzir como os nossos antepassados praticavam. Foi meu avô Pajé João Alamã que me ensinou de como manter cultura viva, praticar, confeccionar, elaborar, pensar e construir o que meu povo antes do contato faziam e elaboravam. Acreditamos que essa prática de aprender com os mais velhos, nossos sabedores da cultura Gavião permite que nós mais jovens do povo socialize os saberes e pratique conforme ensinado, e assim nos tornamos membro do povo Gavião como homem e mulher.

Meu avó sempre nos orientava para praticarmos a pesca, caça, flecha, a roça, construção da maloca caso não praticasse não éramos considerado um membro do povo Gavião, todos tinham que passar por esse processo próprio de ensino-aprendizagem na cultura para se tornar um Gavião. É importante pois se não praticarmos e não aprendermos não teremos condições de ensinar as próximas gerações, dizia meu avó Alamã, essa era a uma preocupação dele uma preocupação em relação a sobrevivência e a resistência.

Estou escrevendo sobre um pouco da relação com meu avó porque minha infância foi muito marcada por ele, Alamã sempre estava perto de mim, era minha referência. Era um Pajé que tinha respeito e poder de espírito da floresta, sempre me levava junto com ele quando ia a floresta, seja pra colher plantas medicinais ou pescar.

Ele tinha uma preocupação em passar aquilo que era da cultura, eu aprendia a andar na floresta, a caçar, a sobreviver, ele ensinou sobre algumas plantas, as funções de cada uma, especialmente as plantas que atraem animais de caça, então tudo isso foi ensinado pelo meu avó Pajé João Alamã Gavião, desde então sempre tive curiosidade em aprender coisas que tivesse relacionada a vida na floresta, as plantas medicinais em especial. Penso que minha relação com floresta vem dos ensinamentos do meu avó, uma vez que ele era Pajé e tinha total conhecimento do espírito da floresta chamado *Goxurehj ou*

Dzerebahj é o espírito da selva. Esse era o nome do grupo que vive na floresta e que tem esse espírito e poder são somente os Pajés, pois só eles tem conhecimentos e são preparados para lidar com esse espírito. Tive muitas experiências com meu avó na floresta.

Foi quem me repassou a educação tradicional, ou melhor os conselhos, há uma diferença entre educação tradicional e conselhos, o primeiro se dá no espaço chamando Bekàh na aldeia e o segundo os conselhos é repassado de madrugada sem interferências e barulhos de outras pessoas, quando a aldeia está toda em silêncio, quando a pessoa que está sendo aconselhada está de cabeça vazia, com a memória limpa e sem preocupação e descansado para receber os conselhos. Quem dava os conselhos era a pessoa que representava a aldeia, era respeitado por todos da aldeia, tem conhecimentos da cultura e tinha status de liderança.

Recebi conselho do meu avó, e os conselhos era pra respeitar as pessoas, ser educado, trabalhador, um bom caçador e ser sempre persistente, não brigar com as pessoas e em conflitos. Os conselhos era um tipo de educação, quando meu avó me aconselhava estava sempre deitado na rede, era preciso estar de memória vazia, tranquilo deitado na sua rede.

Foi me ensinando, sobre o que é trabalho do dia a dia da aldeia, convivência social do povo Gavião e me passando sobre as plantas medicinais que fortalece os organismos da pessoa e as plantas que atraí e que dá sorte ao caçador, as plantas que deixa o homem sempre cheiroso para conquistar a caça. Durante o período da friagem que acontece sempre no mês de junho ou julho ele me acordava de madrugada todos os dias de madrugada e me levava para o igarapé tomar banho de água gelada para que a força de água gelada penetrasse no meu corpo e fosse sempre saudável e forte para suportar os desafios e os afazeres do dia a dia e ser um bom Gavião.

Já minha avó Raimunda Tape Vóhv Gavião, por sua vez, me dava conselhos relacionados as atividades domésticas, de como manter e cuidar da família, quando eu fosse casar com uma mulher era para ter moradia própria, ter objetos domésticos para esposa, roças com diversas lavouras para sustentar a família, buscar mel, buscar frutas e não brigar com a esposa e, ou com os filhos.

Esses foram os conselhos da minha avó, nunca me esqueço o que ela me aconselhava. No entanto cresci com essa educação, com esses conselhos de meus avós.

Na vida tudo que a gente aprende na teoria a gente precisa praticar e experimentar, assim fui me envolvendo a praticar a cultura, aquilo que foi repassado para mim. Aprendi caçar com arco e flecha, saber assoviar ou imitar qualquer tipo de animal, fazer camuflagem, ao mesmo tempo aprendi pescar tradicionalmente, com timbó, moquear e conhecer as plantas medicinais. Timbó é o nome dado as diversas espécies e gêneros de plantas, principalmente, das famílias Sapindácea e Leguminosa que ao serem esmagada e lançada na água, ocasionam a morte dos peixes (SAITO;LUCCHINI,1998). Aprendi sobre as práticas culturais do povo, como dançar, tocar flauta musical (Tortorav e Gojanehj), confeccionar objetos tradicionais e adornos tipo cocares.

Não convivi com minha mãe devido a separação dos meus pais, todos os filhos ficaram com meu pai. Tive pouco contato com minha mãe.

2.1 Memória de como fui alfabetizado.

No decorrer dos anos fui crescendo e conhecendo também a cultura ocidental, o modo de comunicação e relação entre pessoas e culturas diferentes. Tive as primeiras experiências de contato com os não indígenas por volta de 10 anos de idade através dos trabalhadores que trabalhava para meu pai, esses trabalhadores eram seringueiros. Meu pai era responsável por recrutar trabalhadores não indígenas entre eles seringueiros, madeireiros e motoristas para trabalhar no seringal Serra da Providencia que foi antigamente uma aldeia do povo Gavião localizada na TI Igarapé Lourdes.

Quando esses trabalhadores falavam na língua portuguesa eu ouvia, minha curiosidade era tanta que ficava observando atentamente para decorar algumas palavras que eram fáceis de memorizar, (como as palavras não, eu, você...). Meu pai me mandava acompanhar os seringueiros intencionalmente para eu aprender a língua portuguesa. E assim fui aprendendo algumas palavras e frases na língua portuguesa: “essa já está cortada” (referindo-se a Seringueira cortada).

Eu gostava muito de aprender a falar em língua portuguesa para facilitar a comunicação entre os não indígenas e transmitir as ideias, opiniões, compartilhar as experiências com os demais e defender os nossos interesses quando fosse necessário. As outras pessoas falavam em português eu ficava admirando, achava muito bonito quando se expressavam a Língua portuguesa, por isso queria aprender falar igual a eles. Assim fui praticando e expressando durante todas as atividades que eles realizavam na aldeia.

O meu pai sempre nos incentivou para estudar e aprender a cultura ocidental sem perder o costume e identidade do povo. Ao completar meus onze anos de idade tive o primeiro contato com os livros e a escrita das palavras criada pela sociedade envolvente. O primeiro missionário chamado "Horst Stute" o pessoal chamava ele de Oresso porque não sabia pronunciar o nome dele em Alemão. Ele entrou na Terra indígena Igarapé Lourdes com objetivo de evangelizar trazer a palavra de Deus aos índios, ele produziu as primeiras cartilhas na língua materna do povo Gavião, meu pai levou as cartilhas para a aldeia onde morávamos chamada Serra da Providência. Minha infância toda foi nessa aldeia até completar meus quinze anos de idade. As cartilhas de alfabetização produzidas pelos missionários foram essas abaixo:

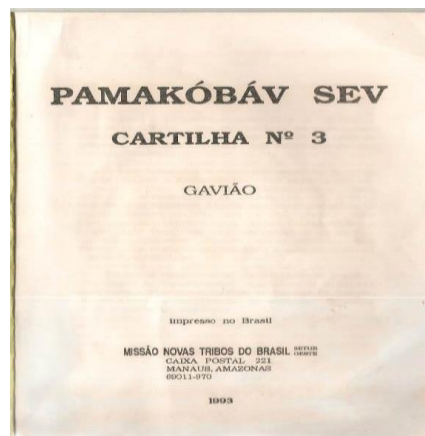
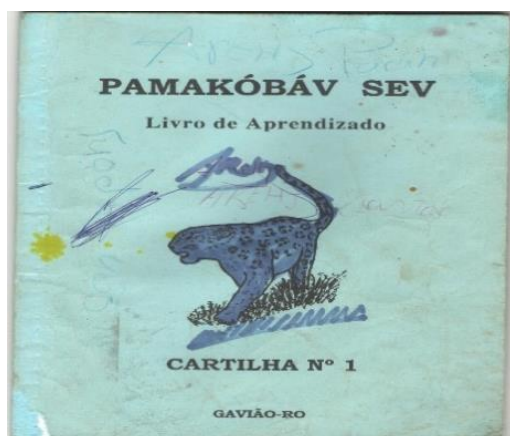


Imagem: Cartilhas de alfabetização produzidas pelos missionários MNTB. Acervo do pesquisador, 2018.

As cartilhas tinha como objetivo servir de instrumento para as crianças aprenderem a escrita da língua materna, as atividades que era apresentada nesta cartilha era atividade de palavras, silabas na língua, letras e vogais acentuadas, desenhos de animais que fazia parte da nossa realidade. Meu pai

foi o meu primeiro alfabetizador, ele me levou para conhecer as primeiras letras na língua materna quando ele trouxe as cartilhas para nossa aldeia para ele ensinar e leitura na cartilha. Meu pai era um dos que colaboravam na tradução da Língua materna para os missionários.

Meu pai me ensinou a ler aquelas palavras escrita, a pronunciar, tons baixo e tons altas e fui decorando os nomes, e as pronúncias daquelas palavras. Ton baixo; (À), ton alto; (Á),ton normal;(A) mesma forma (Ò),(Ó),(O) e os nomes dos animais como;(Vása-Anta,Vavó-Jacaré-Baj-cobra) assim sucessivamente. Gostava muito de ler aquela cartilha, acordava de manhã com a cartilha na mão pra fazer leitura, todos os lugares que eu fosse levava a cartilha nunca deixava.

Em 1982 foi construída a escola na aldeia, era desejo da comunidade eles queriam que os filhos aprendessem ler, escrever, calcular e somar e se inserir na cultura dos não-indígenas. Após a construção meu pai me matriculou nessa escola para eu aprender ler e escrever. Então entrei na escola da Serra da Providencia chamada "Pasav kúkúhva" quando tinha doze anos de idade com intenção de aprender, aliás, já estava sendo alfabetizado pelo meu pai que levava os livros produzido pelo missionário, para casa, e assim entrei na escola somente para aprender ainda mais, aprofundar a minha prática de leitura e de minha aprendizagem.

O professor era meu tio, irmão do meu pai, cujo nome Amarildo Píhn Gavião que ele já participava a formação dos professores indígenas, promovido pelo Instituição chamado "ÍAMA" por isso ele estava preparado e qualificado para administrar as aulas nessa escola e ele foi contratado. Através dele, conheci as letras como alfabeto, as formações de palavras, vogais e leitura das frases. Portanto, adquirir diversos conhecimentos com ele, como calcular números, escrever corretamente, pronunciar as palavras entre outras coisas. Estudei com ele até concluir a quinta série, era uma nova conquista e avanço na minha vida. Comecei gostar muito da sala de aula, o meu professor e dos materiais didáticos, os objetos que existia dentro da sala. Gostava de olhar e ficava muito feliz quando entrava e sentia o cheiro da borracha, do caderno e os demais colegas que chegavam perfumados, gostava muito da rotina de ir para escola. O cheiro me agradava muito.

Era muito diferente do meu convívio social na aldeia, pois a sala de aula possibilitou experiência diferentes com outro conhecimento e outro mundo, mudou a minha vida no primeiro contato.

Todos os eventos de formação em que o meu professor Amarildo teve eu acompanhava ele mesmo sendo aluno indígena, esses eventos acontecia na aldeia, e geralmente eu participava de todos, mesmo não sendo convidados eu estava presente participando, observando e aprendendo.

A escola desenvolveu um papel fundamental para minha vida enquanto futuro professor indígena. Assim que concluí a quinta série, meu pai me perguntou que aldeia que eu queria continuar meu estudo, por que aquela escola não era suficiente para dar continuidade do meu estudos, por isso ele me fez essa indagação. Como eu gostava muito da aldeia Igarapé Lourdes, por ser um lugar muito lindo e as paisagens naturais e de possuir um rio muito bom para tomar banho, escolhi essa aldeia.

No ano de 1997 os professores não índios foram contratados pela Secretaria do Estado da Educação- SEDUC para lecionar nas escolas indígenas na Terra Indígena Igarapé Lourdes. Em seguida fui transferido para essa aldeia. Ao chegar fui morar na casa da minha tia Ivanilde Gavião que era irmã do meu pai. A minha tia tinha moradias em diferentes lugares devido as atividades extrativistas, como coleta de castanha, extração de látex e até a retirada de madeira ilegal.

Nesse ano meu tio Amarildo Gavião que era meu professor mudou para essa aldeia em razão de seu casamento, sendo transferido para lecionar na escola Cachoerinha próximo aldeia Igarapé Lourdes e ele foi morar na aldeia Igarapé Lourdes e em seguida fui morar na casa dele. O meu pai me deixou na responsabilidade do tio Amarildo, qualquer coisa que eu fizesse de errado ele ia me mandar embora ou me bater, então meu tio tinha total liberdade para me corrigir, ele era meu pai também naquele momento. Fiquei morando na casa dele durante todo o meu estudo e frequentava a escola Xinepo Abáa Gavião, só deixei a casa do tio Amarildo quando conclui a 8º série. Foi nessa escola que tive a experiência de ter professoras não indígenas, a primeira professora chamava-se Rosana e a outra Rosângela.

No início das aulas passei por algumas dificuldades, devido de não compreender a língua portuguesa, principalmente na hora das explicações dos conteúdos e as atividades aplicadas, mesmo assim, conseguia resolver as atividades, produzir textos, entre outras. Aos poucos fui compreendendo, memorizando e decorando as palavras que ela usava. Por essa razão, entrei na escola para eu aprender a Língua portuguesa e Matemática que era os conhecimentos mais exigidos.

Para mim esses dois conhecimentos eram os mais necessário naquele momento, aprender a aprofundar o que eu já sabia. Conhecimentos esse que já faziam parte do meu dia a dia. Além desses conhecimentos elas me ensinaram outros, nas disciplinas de Ciências, Geografia, História, Matemática e várias atividades envolvendo cada disciplina. Atividades de diálogo eu gostava muito, por que envolvia conversas usando as palavras em português, quanto mais eu ouvia mais vontade me dava para aprender segunda língua, e por isso gostava muito. Essa professora me incentivou muito para eu dar continuidade ao meu estudo até chegar no Ensino Médio e Ensino Superior, dizia que eu tinha muito chance de chegar até no nível mais alta dos conhecimentos ocidentais, eu confiava nela e em suas palavras.

Estudei com ela durante 03 (três) anos, gostava muito porque me auxiliava no desenvolvimento da minha aprendizagem e de raciocínio que me pedia para praticar.

2.2 Formação acadêmica e profissional

No ano de 1998 quando estava concluindo meu ensino fundamental fui convidado para participar a primeira FORMAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DO ESTADO DE RONDÔNIA denominado PROJETO AÇAÍ, quando tinha 18 (dezoito) anos de idade em Ji-paraná no Colégio Centro de Educação de Ensino Estadual de Jovens e Adultos-CEEJA.

Foi ai que tive minha primeira oportunidade de conhecer outras etnias do estado e de outros municípios e novos professores que deram aulas durante o curso de formação. Ficamos hospedado no hotel consumindo melhores alimentos e nunca imaginava que eu ficar no lugar desse tipo que era totalmente

fora da minha convivência social e consegui mais um avanço na minha vida de meus conhecimentos e aprendizagens. Ficamos durante 20 (vinte) dias estudando aprendendo mais disciplinas, conteúdos e as atividades.

No mês de outubro e novembro de 1999 aconteceu a segunda etapa do Projeto Açaí em Porto Velho local chamado ASBERON, onde todos alunos de cada etnia do estado de Rondônia participou a segunda etapa do curso e ficamos durante 40 (quarenta) dias estudando, buscando e adquirindo mais conhecimentos, experiências, ideias, opiniões e aprendendo mais disciplinas e conteúdos novos.

A segunda etapa me fez atentar ao mundo em que vivemos, valorização da minha identidade, reconhecimentos dos meus valores como integrante do povo Ikolon e que era necessário valorizar a minha cultura ao mesmo tempo que incorporamos alguns costumes da cultura ocidental.

Ressalta-se, que diante desse elementos os professores do curso, ajudaram-me aprofundar os meus conhecimentos com o ensino de Matemática, Ciências, Antropologia, Biologia, Geografia, História entre outras áreas de conhecimentos para que eu possa ter o mínimo de domínio para lecionar na escola indígena da minha comunidade. Ao concluir a segunda etapa no mesmo ano, fui convidado a trabalhar na sala de aula como Professor na Escola Xinepo Abáa Gavião, na aldeia Igarapé Lourdes, aceitei, pois tinha um compromisso com meu povo, não podia perder a oportunidade que foi oferecido e confiado a mim.

Assim que fui contratado, iniciei as atividades na sala de aula no ano de 2000 e aumentou mais as responsabilidades sobre mim, por que envolvia a comunidade da aldeia Igarapé Lourdes e o Governo do Estado de Rondônia. Quando fui contratado era muito emoção e nunca imaginei que iria chegar a esse nível de ser EDUCADOR do meu povo, na sala de aula era mais um avanço, conquista e começo na minha carreira como profissional, e também mais um professor indígena, isso significa muito para nossa escola e nosso povo, o professor ser um indígena, é importante.

O curso do Projeto Açaí acontecia em vários municípios do estado, a exemplo de; Ji-Paraná, Ouro Preto D,Oeste, Porto Velho, Cacoal e Guajará Mirim, teve duração de 05 (cinco) para formar a primeira turma. Assim o Projeto Açaí me fez mergulhar sobre os conhecimentos educacionais de como ensinar os discentes na sala de aula, o papel do docente, responsabilidade e caráter dentro de uma comunidade. Até hoje me recordo os nomes dos professores que marcaram a longa caminhada da minha vida, como, Meire Fonseca, Cristóvão Abrantes e Reginaldo Bezerra que foram pessoas muito importante, amigável e queridos durante minha carreira como estudante do Projeto Açaí. Esta formação ocorreu entre 1998 e 2004 dividida em onze etapas, concluímos o curso no ano de 2004 e a certificação foi entregue no mês de junho de 2006 por devido de problema da Secretaria do Estado. Passei dois anos sem estudar e dar um tempo, só que perdi o tempo para estudar e algumas oportunidades. Ao receber meu diploma de conclusão do ensino médio, fiquei muito alegre, contente e aliviado, sabia que através dessa diploma que eu ia me ingressar na faculdade para prosseguir meus estudo na Universidade.

No ano de 2008, foi criada pela Resolução número 03|CEB-CEN na Universidade Federal do Estado de Rondônia – Campus de Ji-Paraná, Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, reconhecido pela Portaria|MEC n 040 de 12 de dezembro de 2007,foi aprovada e criada pela luta dos Povos Indígenas do estado de Rondônia e um resultado do trabalho das reivindicações das lideranças Indígenas é conquista de direito como cidadão Brasileiro.

Foi criada primeiro "Curso" na esfera federal para as populações Indígenas do Estado de Rondônia que para nós é uma conquista, um avanço na política dos povos indígenas. De acordo com o PPC do curso de Licenciatura Intercultural (2008), os objetivos do projeto é:

Atender a expectativa do povo e da comunidade quando se destaque e crescer o cargo na gestão da educação nas aldeias e capacidades de pesquisar, refletir e críticas construtivas". Formar os discentes nas defesas dos direitos nas atividades sociais e buscar autonomia para o seu povo". Formar e habilitar professores em Licenciatura Intercultural para lecionar nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, nas áreas de concentração: Educação Escolar Intercultural, Ciências da natureza e da matemática Intercultural, Ciências da Sociedade Intercultural. O ingresso no curso foi norteado por um Processo

Seletivo Específico para Jovens e Adultos Indígenas que tenha concluído o Ensino Médio, a ser comprovado através de uma carta de Apresentação do Conselho Educacional da Educação de Origem do candidato. (PPC, 2008, p.5)

O vestibular ocorreu no mês de outubro no ano de 2009 concorri com os parentes de todo estado para garantir a vaga no curso de intercultural para estudar. Depois quando estava na aldeia, soube que eu tinha aprovado no segundo lugar da prova e fiquei alegria porque consegui alcançar mais um escala importante na minha vida como estudante indígena. O início das aulas de Intercultural no dia 29 de novembro de 2009, era muito alegria e orgulho quando cheguei na Faculdade, numa categoria e nível mais alta de estudos. Comecei estudar com intuito de conhecer, de aprender e de buscar mais conhecimentos na Universidade para compartilhar e ensinar os meus parentes na comunidade do povo Gavião.

O curso de intercultural ocorreu entre 2009 e 2015 divididas em etapas por devido os maiorias dos alunos lecionavam na sua comunidade, e por isso às aulas eram por etapas para não atrapalhar atividades pedagógicas na comunidade. Na Universidade aperfeiçoei as minhas práticas de ensino, experiências, conhecimentos durante às aulas de Intercultural, tive formação básica e específica. A minha área de formação é a "Ciências da Natureza e Matemática" por que sempre gostei dessa área tenho uma afinidade e faz parte da minha convivência com o meu avó Alamãa Gavião.

A primeira turma se formou no ano de 2015 e 2016 e eu me formei e recebi a diploma no dia 23 de Fevereiro de 2016, mais uma parte que me alavancou e me levou no nível mais alta do estudos ocidentais e também me deixou emocionado e alegria como acadêmico indígena, mais um avanço na minha carreira como educador indígena. Depois a formação retornei para minha comunidade, já trabalhando na minha área de formação que deu uma diferença mais avançada na minha práticas de atividades pedagógicas, planejamento, atividades, avaliação. Facilitou para trabalhar com a turma do sexto e nono anos do ensino fundamental e até o ensino médio.

Após a conclusão do Intercultural, concorri o concurso público para os Povos Indígenas do Estado de Rondônia e fui classificado, tomei posse no dia

21 de Julho 2016 em Porto velho para lecionar na minha área de formação nas escolas indígenas e mais um avanço na minha carreira como docente indígena e garantia da carreira como professor do estado de Rondônia.

Em seguida o projeto de Especialização em Educação Escolar Indígena foi criada pelo Departamento de Educação Intercultural na Universidade Federal de Rondônia –Campus de Ji-paraná no ano de 2017, fiz e concorri foi via vestibular, juntos com outros parentes, outras etnias, e consegui passar, aqui estou novamente na Universidade. Às aulas iniciou no dia 25 de agosto de 2017, estou numa formação continuada, acho que o professor tem que sempre estudar, mesmos os professores indígenas, tenho muita vontade de fazer mestrado, eu fico feliz por ver um professor indígena como o professor Iram Gavião, ele está no mestrado na UNB, isso é bom pra ele e para nós Gavião, a escola e toda a comunidade ganha visibilidade e atenção quando um professor continua estudando. As aulas de Especialização tem duração de 02 (dois) anos.

O Trabalho de Conclusão do Curso atrasou não foi defendido no ano de 2018 por devido de atraso das coletas de dados e organização dos trabalhos e ficou para defender no mês de abril de 2019. É assim eu encerro um pouco da minha trajetória de vida acadêmica e profissional.

E na próxima seção desse trabalho vamos conhecer o seu Valtorino Idjuhr Gavião, um sabedor que foi om colaborador fundamental para que essa pesquisa e meu trabalho de campo fosse realizado e tivesse êxito.

3. PESQUISANDO COM SABEDOR VALTORINO IDJÚHR GAVIÃO: PLANTAS MEDICINAIS E OS CONHECIMENTOS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL IKOLEN (GAVIÃO).



Valtorino Idjúhr Gavião segurando a planta cujo nome na língua é *Babúgaá*.
TI Igarapé Lourdes, 2018. Acervo do pesquisador.

Seu Idjúhr Gavião, conhecido como Valtorino, tem 70 anos de idade, nascido numa aldeia antiga do povo Gavião chamada *Bula Kurehj* próximo da outra aldeia chamada *Suhlsuhl Passa Pevah*, que fica localizada no Estado de Mato Grosso, onde era a terra tradicional do povo Gavião. A origem do seu nome na língua Ikolen é *Idjuhr Gavião*, que hoje é conhecido por nome de *Vása Sehv* por motivo dos registros do nome na língua portuguesa “Valtorino”. Esse nome *Vása Sehv* tem o significado de “carne de anta socado”. Porém seu nome original é *Idjuhr* que significa “macaco da noite”, batizado pela avó. O nome do pai e da mãe o mesmo não soube responder e não lembra pois quando era ainda bebê seu pai haviam falecido.

Ele é um dos sabedores tradicionais da etnia Ikolen Gavião de Rondônia, pratica a cultura, sabe preparar a festa que o povo realiza, constrói todos os objetos tradicionais do povo, tem conhecimentos sobre as plantas medicinais e outros conhecimentos do povo Gavião. Seus conhecimentos e a história de como aprendeu a utilizar as plantas medicinais estão registradas neste trabalho e iremos apresentar mais adiante.

O Sabedor Indígena é um pessoa indispensável para adquirirmos os conhecimentos tradicionais do povo, neste trabalho o foco é os conhecimentos sobre a medicina tradicional *Ikolen* utilizando as plantas tradicionais, antes e pós contato.

Entretanto, a pesquisa voltada para as plantas medicinais avança a partir do sabedor e conhecedor das plantas, são eles que sabem preparar, misturar, classificar, sabe das potencialidades químicas e os processos de aplicação no ser humano. É importante lembrar que quando estudamos as plantas medicinais na comunidade, estamos nos referindo aos estudos com os idosos, eles são os conhecedores e sabedores da comunidade, por isso, é fundamental desenvolver as pesquisas e fazer os registros do conhecimento tradicional enquanto eles estão vivos. Hoje a maioria das populações indígenas vem perdendo suas culturas e conhecimentos sobre as plantas devido a não reconhecerem seus mestres e desvalorizar o conhecimento cultural. (PALAVH, 2015, p. 10)

Com base nos referencial teórico, essa pesquisa sobre as plantas circunscreve na área de etnobotânica, compreendida também como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal e que engloba tanto a maneira como algum grupo social classifica as plantas, como os respectivos usos (AMOROZO, 1996). JORGE e MORAIS (2003) corroboram este conceito e complementam que, além de estudar as inter-relações entre o ser humano e as plantas, levando em conta fatores ambientais e culturais, a etnobotânica atualmente caracteriza-se pelo resgate dos conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (ALMASSY JUNIOR, 2004, Apud, 2015. p. 13).

Xolocotzi (1982) definiu a etnobotânica como o campo científico que estuda as interrelações que se estabelecem entre o ser humano e as plantas através do tempo e em diferentes ambientes.

Para Ford (1986) seria o estudo das inter-relações diretas entre homens e plantas. Jain (1987 apud Ming, 1995, Apud, PALAVH, 2015, p. 10) ampliou o conceito, abrangendo todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas, seja de ordem concreta (uso material, conservação, uso cultural, desuso) ou aberta (símbolos de culto, folclore, tabus, plantas sagradas). Essa

abrangência implicaria na necessidade de elaboração e colaboração interdisciplinares.

Alexíades (1996, Apud, PALAVH, 2015, p. 10) afirma que a etnobotânica representa o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e todos os tipos de inter-relações ecológicas, evolucionárias e simbólicas.

Alcorn (1995, Apud, PALAVH, 2015, p. 10) analisa a etnobotânica através das relações entre os seres humanos e os recursos vegetais, procurando responder a questões como: quais plantas estão disponíveis no determinado ambiente; quais plantas são reconhecidas como recursos; como o conhecimento etnobotânico está distribuído na população; como os indivíduos percebem, diferenciam e classificam a vegetação e como esta é utilizada e manejada.

Contudo, cabe registrar que para nós indígenas, sem o nosso sabedor não tem como conhecer a planta medicinal que cura a doença, entre outros conhecimentos e por isso é muito fundamental a aproximação do sabedor indígena da escola, e a escola se aproximar, dialogar com esse sabedor, pois sem ele não haverá ensino e aprendizagem numa perspectiva intercultural.

Considerando que as comunidades indígenas estão situadas em grande maioria nas áreas da Floresta Amazônica, é imprescindível que o saber tradicional seja registrado, principalmente porque a arte do uso das plantas acompanha o homem desde os primórdios da civilização humana (PHILLIPS e GENTRY, 1993, Apud, PALAVH, 2015, p. 13).

É importante destacar que as populações indígenas articulam conceitos de natureza distintos daqueles que caracterizam a cultura ocidental. As culturas indígenas norteiam-se pela busca coletiva de se compreender e respeitar a linguagem da natureza, na certeza de que a sobrevivência humana dependerá muito mais dessa compreensão do que da capacidade de domínio ou de transformação (BRAND, 2001). Eles transformam a riqueza desta diversidade em benefícios para manutenção da saúde e beleza. Isto se refere ao "uso tradicional" de plantas. Diversos estudos atestam serem os povos indígenas os responsáveis, em grande parte, pela diversidade biológica de nossos

ecossistemas, produto da interação e do manejo da natureza em moldes tradicionais (ARAÚJO, 2002, Apud, PALAVH, 2015, p. 13).

O seu Valtorino (Idjúhr Gavião) é considerado uma pessoa importante, conhecedor de plantas medicinais, construtor de objetos tradicionais e que respeita a sua comunidade e tem o respeito pela comunidade. Entre nós povo Gavião, existem dois tipos de sabedores, um sabedor homem que ensina os homens e uma sabedora que ensina as mulheres, assim cada sabedor transmite seu conhecimentos para o seu público alvo.

No entanto, vale ressaltar, que cada escola ou pesquisador deveria ter consciência que o sabedor indígena não é obrigado ir até a escola, isso significa que quando vamos até o sabedor em busca de conhecimentos estamos sinalizando um respeito para aquele/aquela sabedor/a, é um sinal de respeito e admiração aos seus conhecimentos, é assim na cultura e deve ser assim também nos ensinamentos da escola quando envolve uma sabedor. Por isso propus esta pesquisa com o sabedor, para que ele compartilhasse de seus conhecimentos para nós professores envolvidos na pesquisa e os estudantes indígenas que puderam participar

É muito importante respeitar o sabedor, há muitos jovens hoje na aldeia que não leva em consideração, ou seja, não dá muita importância a pessoa do sabedor indígena mais velhos e seus conhecimentos. As vezes esses jovens estão tão envolvidos com outros afazeres cotidianos, por exemplo, televisão, futebol, jogos, filmes, redes sociais e músicas que se esquece dos outros conhecimentos que somente os mais velhos detêm. Em consideração a isso, é importante a escola ir até o sabedor e não o contrário, devemos respeitar as regras, organização e até alguns costumes que nos mantém enquanto Ikolen, antigamente e até os dias de hoje o sabedor era e deve ser procurado para contar, compartilhar e ensina um pouco de sua experiência e de seus saberes muitas vezes sem sair de sua casa, do seu espaço onde se produz seus conhecimentos, via de regra isso também vale para a escola. Então temos que deixar bem claro que a escola tem que ir até o sabedor e não o contrário.

3.1 Percurso metodológico da pesquisa de campo.

Esse trabalho é um desdobramento do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC para concluir o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR, defendido no ano de 2015 sob orientação do Professor Doutor Reginaldo Nunes de Oliveira. No referido TCC sistematizei a história do meu povo e sobre o contato com as plantas medicinais, apresentei ainda um pouco da história de vida do velho sabedor Idjúhr Gavião, meu principal interlocutor, relatando sua rotina na aldeia e de sua aproximação com as plantas e de sua sabedoria em relação a medicina tradicional do povo Ikolen.

Para dar continuidade a essa pesquisa de abordagem qualitativa (LUDKE, 2000), utilizamos dos mesmos instrumentos de coleta de dados da pesquisa de campo realizada no TCC de graduação cujo levantamento de dados, se deu através dos registros fotográficos das plantas, anotações/registros em caderno de campo aliada a entrevista semi estruturada (BOGDAN e BIKLEN, 1995) com o sabedor.

É importante ressaltar, que o espaço metodológico desse estudo iniciou ainda na graduação, contou com a participação do sabedor indígena Ikolen (Gavião) Idjúhr Gavião, que ativamente participou como interlocutor da pesquisa, passou a compor o próprio quadro metodológico.

Considerando os enunciados já evidenciados, destacamos que a pesquisa nos oportunizou, juntamente com os estudantes indígenas Ikolen participantes da pesquisa repensar a escola, saberes e conhecimentos tradicionais compartilhados pelo sabedor *Idjúhr Gavião*. Para seu *Idjúhr Gavião* esse momento era mais do que um exercício de imagens e lembranças, para nós professores e estudantes indígenas Ikolen, era um exercício de aprendizado a partir das explicações e conhecimentos ancestrais sobre as plantas para cura e tratamento de enfermidades na cultura Ikolen coletadas pelo sabedor no meio da floresta na TI Igarapé Lourdes. Vivenciamos uma interculturalidade materializada na floresta e foi possível pela disponibilidade e atenção do sabedor *Idjúhr Gavião* que com seus infinitos saberes nos proporcionou um momento significativo para nós professores indígenas e os estudantes da escola que estavam ali acompanhando-o.

Trago neste trabalho alguns registros evidenciados no corpo do TCC de graduação, pois são registros que foram sistematizados e convergem para melhor entendimento dessa parte da pesquisa.

Neste sentido, vale lembrar que a pesquisa foi norteada e guiada pelo Sabedor Indígena Idjúhr Gavião. Primeiramente, a entrevista foi feita para compreender a vida e a forma que ele foi ensinado, para reconhecer as plantas medicinais, sua preparação e formas de uso. Assim, contou um pouco da história de vida, registrando que foi ensinado por adultos rígidos dos antigos Gavião, para ele não esquecer o que foi ensinado.

Nosso primeiro encontro como o nosso colaborador da pesquisa, o sabedor indígena Idjúhr Gavião ocorreu no mês de maio de 2018. Nossa primeira conversa foi para apresentar a pesquisa, objetivos e logo após a apresentação da pesquisa marcamos com seu Idjúhr Gavião nossa primeira ida até a floresta para conhecermos algumas plantas que foram e são até hoje utilizadas na medicina tradicional.

Foram três tentativas (primeira tentativa foi bastante exitosa foram encontradas 24 plantas pelo sabedor, nessa primeira, foi apenas eu o sabedor, na segunda tentativa houve muita chuva, molhou os nossos materiais como bolsa, máquina, celular.. etc. O sabedor Idjúhr Gavião não anda com calçado fechado e leva sua faca na cintura para provar, testar se realmente é a planta que estão procurando. Como havia muitos declives em alguns pontos da floresta o seu Idjúhr Gavião não conseguiu subir, havia muito barro, estava bem liso, contudo, foram encontradas ainda com muita chuva quatro espécies de plantas medicinais utilizadas na medicina Ikolen. Em seguida tivemos que interromper as buscas pelas plantas, pois, já estava escurecendo e não tinha muita visibilidade na floresta. Essas duas tentativas serviram para mapear onde estavam localizadas as plantas utilizadas na medicina tradicional Ikolen. O sabedor primeiro preferiu que fossemos a sós nessas duas primeiras tentativas sem os estudantes indígenas da escola já prevendo que pudesse ocorrer contratempos, ou a caminhada ser longa pela distância de encontrar uma ou outra espécie de planta medicinal. É interessante notar que o sabedor estava atendo as possíveis situações adversas. Diante de tal constatação, na qualidade

de pesquisador responsável e professor indígena respeitei essa posição do sabedor.

Os alunos das escolas estavam já preparados para ir até a floresta com o sabedor, antes de entrarmos na floresta distribuí as atividades referentes às informações das plantas (na atividade constava sobre a raiz (pivotante e fasciculada) se ela era aquática, aérea, terrestre), algumas informações necessárias para a continuidade da pesquisa em sala de aula, quando voltássemos da floresta.

Enfim, eis que chega o dia da terceira e quarta ida à floresta para encontrarmos as plantas sob orientação e cuidados do sabedor indígena *Idjúhr Gavião*. Foi um dia em que o clima estava bem agradável e o tempo estava limpo, o céu bem bonito. Fomos nos dias 23 e 24 de maio de 2018 na parte da manhã, não avançamos muito pois, estamos em uma turma muito grande de 70 alunos, andamos por aproximadamente três km da aldeia, o sabedor tinha alertado que é somente na mata virgem que ainda existem as plantas medicinais, pois as matas secundárias dificilmente encontramos as plantas medicinais, ao longo do caminho eu pedi para os estudantes fazerem anotações, muitas explicações sobre as plantas que íamos encontrando ao longo do caminho na floresta.

Todos faziam um círculo em volta da planta encontrada e o sabedor foi explicando a utilidade da planta sua indicação para cura e o modo de preparo. Ali mesmo os alunos tiravam algumas dúvidas com o sabedor.

Idjúhr Gavião contou ainda para os alunos como e quem o ensinou sobre as plantas medicinais da cultura Ikolen. O sabedor *Idjúhr Gavião* cita os nomes dos mestres que o ensinou sobre as plantas, sendo o sabedor *Moisés Serühr Gavião* que o ensinou, orientou ele na identificação sobre as plantas medicinais do povo *Gavião*, tanto para cura, caça, sentimentos, fortalecimento dos organismos e estímulo no sexo. Aprendeu com ele, algumas plantas venenosas, porém não podia citar os nomes das plantas. Ensinou também o poder das plantas, preparação, usos e aplicações para os pacientes, os cuidados no dia da coleta das plantas.

Algumas informações ele compartilhou conosco de como ele aprendeu com este sabedor para repassar para outras gerações e combater as doenças que afetam a população indígena Gavião. O segundo mestre dele era um da etnia Panyjeje, etnia Zoró, um indígena de outro povo, porém há muita semelhança entre Ikolem e Panyjeje, as línguas fazem parte do mesmo tronco linguístico. Este senhor se chamava *Xipiabaa.Zoró*. Ele ensinou o seu *Idjúhr* Gavião a conhecer as plantas medicinais ensinava os métodos de identificação das plantas, potencialidades de uso e os cuidados das aplicações nos pacientes. Ensinou a tomar os cuidados na hora de entrega dos produtos.



Imagem: o sabedor *Idjúhr* Gavião segurando duas plantas medicinal utilizada na medicina tradicional Ikolen. Acervo do pesquisador. 2018.

Hoje, o sabedor *Idjúhr* Gavião, conhecido como Valtorino Gavião é muito respeitado e procurado pelo povo Gavião. O sabedor disse que aprendeu e foi ensinado na Aldeia Igarapé Lourdes e na Aldeia Maloca Grande pelos dois mestres citados na entrevista (PALAVH, 2015)

3.2. As Plantas Medicinais do Povo Gavião Ikolen de acordo com sabedor indígena.

O sabedor Valtorino *Idjúhr* Gavião nos informou que existem várias plantas medicinais usadas no dia-a-dia do povo Gavião. Existem por exemplo, a planta

“GOBÁHV”, que quando uma mulher ou homem não gosta do seu esposo, esta planta medicinal é aplicada para ajudar a pessoa a amar o seu esposo ou esposa de verdade.





Existe também uma erva chamada “DJAHVMAKÁV”, que significa a flecha que não acerta. Usando e passando no corpo, o nosso inimigo não consegue acertar em nós e nem consegue matar a pessoa, sendo essa planta a mais poderosa e utilizada pelo povo Gavião, Zoró e Cinta Larga. A seguir são apresentadas as plantas medicinais do povo Gavião. Sempre foi utilizado a imagem da planta, o nome, para que serve e como utiliza.




Neste trabalho é apresentada mais de 50 espécie de plantas são utilizadas na medicina tradicional Ikolen, algumas são utilizadas com mais frequências pelos mais velhos do povo Gavião.



O sabedor manteve em sigilo a identificação das plantas que são venenosas e abortivas.




Foram identificadas 53 (cinquenta e três) espécie de plantas medicinal tradicional da cultura no nosso povo Gavião. As plantas e raízes que foram coletadas e apresentadas pelo sabedor a todos nós professor e alunos Gavião estão identificadas e categorizadas com as possíveis descrições de uso, modo de preparo e finalidade no quadro abaixo, vejamos:




Nome da planta na língua Ikolen Gavião	Indicação	Modo de preparo	Parte utilizada	Imagem da planta. Acervo do pesquisador José Palavh Gavião, 2018.
<i>Vidag Pulu</i>	Diarreia	Maceração	Raiz	
<i>Tohliráh</i>	Dores musculares	Maceração	Folhas	




				
<i>Zaj Tapoh</i>	Paralisia	Banho	Folhas	
<i>Mabetava</i>			Casca da raiz	Sem imagem
<i>Padjihr Bimajee Vára</i>	Tosse e Hemorragia	Chá	Raiz	
<i>Zaj Tug</i>	-	-	-	Sem imagem
<i>Ibaja Táhn</i>	Antiabortivo	Chá	Parte do caule e parte de raiz	
<i>Idjo Sev</i>				





<i>Dapova Tún Sev</i>	Criança com dificuldades de andar	Folha	Folha	 <p>Coloque a folha na agua quente e esfrega na criança</p>
<i>Vazer Va Sev</i>	Dores na coluna	Aquecer as folhas	Folhas -	 <p>Folhas - quando uma pessoa sente dor na coluna, usa se a folha dessa planta para aplicar no local que tem dor. As folhas são aquecidas no fogo e são usadas bem quentes na coluna, onde sente-se dor.</p>
<i>Vajah Po As Sev</i>	Dores em crianças / cólicas	Banho	Usa se casca do caule	Sem imagem
<i>Iti Tájáv Sev</i>	Epilepsia / convulsões	Chá	Folha	 <p>Aplicar No Local Que Tem Dor. As Folhas São Aquecidas No Fogo</p>





<i>Gala Sar Sev</i>	Epilepsia / convulsões	Chá	Folha	Sem imagem
<i>Vaki Kúhj Bíhn Sev</i>	Tratamento de feridas		Raiz	Sem imagem Descasa a parte da raiz e coloca em uma panela no fogo para esquentar, e depois lava as partes das feridas, principalmente feridas do couro cabeludo em crianças
<i>Gérev Sev</i>	Dor de dente	Mastigaçã o in natura	Folha-	 Folha- mastigar a folha e deixar na boca por alguns
<i>Vahjá Péuhn</i>	Fraqueza – crianças com dificuldades de andar	Banho	Folhas mais adultas	
<i>Batohj Gáhv Sev</i>	Fraqueza – crianças com dificuldades de andar	Banho	Folhas	Sem imagem




<i>Penov</i>	Fraqueza muscular	Banho	Folhas	
<i>Djólipéhv Sev</i>	Deficiência física	Banho	Utilizar folhas, passar na região afetada do corpo	Repetido
<i>Maxápo</i>	Prisão de ventre	Maceração	Folha	Sem imagem Macerar a folha e colocar na água fria
<i>Mabedjev Sev</i>	Hemorragia interna e externa	Chá	Raiz -	
<i>Ixoádun</i>	Hemorragia	Infusão	Folha	Sem imagem
<i>Ixó Ádúr Sev + associada a Planta Mabe Djev Sev</i>	Para hemorragia	Descasca a raiz	Chá	




<i>Basev Abi Kórkor Sev</i>	Diarreia e dor de barriga	Fervura	Casca Da Raiz	
<i>Bató Hj Gáhv Sev</i>	Fraqueza – crianças com dificuldades de andar	Banho	Folhas mais adultas	
<i>Aliádág</i>	Diarreia aguada	Maceração	Caule	Sem imagem Sendo a parte próxima do solo que apresenta coloração amarelada.
<i>Bajúhj Xóhgá Ìhv</i>	Evita picada de cobras	Maceração e Chá	Utiliza as Folhas	




<i>Bóttih (Oiti)</i>	Hemorragia interna	Chá	Raiz	
<i>Ijahj Népo Sága Sev</i>	Dor muscular	Maceração	Folhas	
<i>Pagív Vá</i>	Febre	Chá ou Banho	Batata	




<p><i>Baséa Dor Kav</i> <i>Ìhv</i></p>	<p>Micoses</p>	<p>Esfregaço No Corpo</p>	<p>Casca</p>	
<p><i>Boliria</i></p>	<p>Anti- inflamatória – tratamento de feridas</p>	<p>Passar No Local</p>	<p>Casca</p>	
<p><i>Ikoloehj Piaja</i> <i>Sev</i></p>	<p>Vitamina</p>	<p>Chá</p>	<p>Folha</p>	
<p><i>Ibatúg</i></p>	<p>Controle do fluxo menstrual</p>	<p>Chá</p>	<p>Raiz</p>	

<i>Dábe Av Ihv</i>	Controle do fluxo menstrual	Chá	Raiz	
<i>Betagav</i>	Fortalecer o corpo pra crescer com energia, aumenta a imunidade.	Chá da Raiz		
<i>Goéhjsev</i>	Tratamento de aftas	Maceração	Folha	 Esquentar a folha e passar na ferida
<i>Djoli Pehv Sev</i>	Artrite e artrose	Uso Tópico	Folhas	

<i>Madár Sev</i>	Dor de cabeça	Banho	Folhas	
<i>Makáhv Kajáv Ìhv</i>	Infecção na boca	Uso Tópico	Folhas	
<i>Gárúhv</i>	Malária	Chá	Folhas E Casca	Sem Imagem
<i>Pavá Kahvuhr Vára Sev</i>	Dores lombares	Chá	Folhas	Sem Imagem
<i>Mabe Táváh</i>	Verminoses	Raiz	Chá	

<i>Valutúg</i>	Fortalecimento dos dentes	Mastigação	Folha	 <p>Mastigar as folhas por alguns minutos.</p>
<i>Go Sabe Sev</i>	Apetite	Mastigação	Folha	 <p>Mastigar a folha e não engolir</p>
<i>Babúgaú</i>	Vitamina	Uso Tópico No Corpo	Ralar a bata da planta e passar no corpo	

<i>Tamali Másáhv</i>	Tosse	Chá	Casca	 <p data-bbox="981 539 1501 629">Usar a casca do caule que não apresenta folha</p>
<i>Pekóa Sev</i>	Feridas	In Natura	Folha	 <p data-bbox="981 1122 1394 1155">Colocar a folha no local afetado</p>
<i>Baj Baj Sev</i>	Fortificante e produção de energia	Maceração	Folha	 <p data-bbox="981 1619 1533 1653">Esquentar a folha e passar no local afetado</p>

<p><i>Pazá Tíh Vára Sev</i></p>	<p>Dor no fígado</p>	<p>Uso Tópico</p>	<p>Folha</p>	
<p><i>Ponta Do Cupim</i></p>	<p>Fraturas</p>	<p>Uso Tópico</p>	<p>Passar no local</p>	 <p>Passar no local afetado e chorar na frente do cupim.</p>
<p><i>Maxah Kíhr</i></p>	<p>Indicação Para Vermes e Intestino</p>		<p>Raiz.</p>	 <p>Fazer o chá da raiz e ingerir</p>

3. 3 Momentos na escola indígena Zavidjahj Xikobi Pohv com os alunos



Imagem da EEI Zavidjahj Xikobi pohv e dos alunos que participaram da pesquisa. Acervo do pesquisador. 2018.

A Conversa sobre a pesquisa de campo com os alunos da Escola Estadual Indígena Zavidjahj Xikobi pohv sobre a participação do sabedor indígena Gavião ocorreu na aldeia Pasav áдох, ao total foram mais de 70 alunos da escola Zavidjahj. É importante evidenciar e registrar aqui a participação e colaboração do professor indígena Mestre Iram Sav Gavião nessa segunda parte da pesquisa e também com o desenvolvimento de atividades na escola com os alunos depois da pesquisa de campo. O professor Iram participou ativamente da pesquisa, além de seu interesse em aprender com o sabedor Valtorino um pouco da medicina tradicional do povo Gavião Iram se dispôs a ajudar no desenvolvimento de atividades na escola. Registro aqui a participação e colaboração do amigo e professor Alexandre Zandonadi nos ajudou muito na pesquisa.



Imagem: Turmas 8ª e 9ª ano e 1ª e 2º ensino médio, lado direito o professor Iram Gavião, distribui as atividades sobre a pesquisa de campo e em seguida orientou os estudantes. Acervo do pesquisador. 2018.

Para que cada aluno pudesse acompanhar atividade de campo foi distribuído para cada um deles uma folha contendo algumas questões que deveriam ser respondidas ao longo do trajeto da pesquisa da campo na floresta como sabedor Valtorino de acordo com a coleta das plantas medicinais.

A imagem acima refere-se a um dos momentos em que estamos explicando como ia ser feita a atividade escrita para os estudantes. Optei por distribuir o roteiro com tais atividades antes de sairmos para a pesquisa de campo. E assim foi, a nossa escola pra floresta, então os alunos iam anotando e respondendo cada uma das questões.

Na prática era o sabedor Valtorino quem estava lecionando, ele era autoridade máxima ali e todos deviam uma atenção ao que ele apresentava no decorrer do caminho da floresta quando identificava um ou outra planta, onde o sabedor explicava sobre a indicação e modo de preparo das planta medicinal, era uma aula diferente e significativa para todos, estávamos aprendendo e reconhecendo nossa medicina tradicional. O sabedor mostrava a planta, algumas eram arrancadas do solo para verificar as raízes e identifica-la conforme sua estrutura principalmente aqueles que fazem o uso de suas raízes, assim seguiu, os alunos aprendiam sobre a parte estrutural da planta (raiz, caule e folha), modo preparo, finalidade da planta, como identificar as espécies e suas variedades.

Tinha alguns alunos que estavam tão empolgados com as plantas e o seu poder de cura e tratamento, tinha curiosidade de saber quais plantas são venenosas e ou abortivas, no entanto, seu Valtorino não revelou quais eram essas plantas para própria segurança dos alunos.

Foi importante a participação e colaboração do professor Iram Sav Gavião na pesquisa, sempre disposto a colaborar e acompanhar o desenvolvimento da pesquisa de campo e das atividades realizadas em sala de aula com meus alunos na área de Ciências da natureza. Em relação as atividades, foi realizadas algumas atividades didáticas em sala de aula com os estudantes.



Imagem: Os estudantes do 6^a e 7^a ano desenvolvendo atividades de pesquisa com e sobre a estrutura das folhas em sala de aula. Acervo do pesquisador. 2018.

Foi explicado sobre cloroplasto da planta e o processo de fotossíntese. A folhas foram identificadas pelo formato e estrutura da planta.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos, pode-se verificar que o uso de plantas medicinais tem contribuído para a subsistência dos povos indígenas na Aldeia Cacoal, afinal, por apresentar praticidade e economia, as ervas viabilizam uma alternativa eficaz na cura de determinadas doenças, além de serem utilizadas nos seus rituais e no desenvolvimento de um indivíduo sadio na comunidade.

É importante destacar que o resgate dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais do povo somente é possível quando se tem mais diálogos com a comunidade e mais apoio dos velhos e das lideranças locais. Assim possamos ter mais conhecimentos, crescer, desenvolver, pesquisar para elaborar e produzir material de qualidade para os nossos estudantes. O desenvolvimento da pesquisa de planta medicinal tem um papel fundamental dentro dos conhecimentos dos povos indígenas, conhecer, identificar, preparar e deixar esses conhecimentos para as futuras gerações. E por essa razão que é necessário de ter a participação de mais professores indígenas, envolver na pesquisa membros da comunidade.

Vale ressaltar nas considerações finais que o resgate das informações, como foram citadas no trabalho, afinal, são registros feitos com o sabedor da cultura indígena, já de idade, e que possivelmente poderiam ser perdidos por não terem sido transmitidos. Assim, esse trabalho foi fundamental para o resgate desse conhecimento e ficará disponível para as futuras gerações poderem conhecer e utilizar as plantas medicinais do povo na solução dos problemas que lhes afligem.

Como professor indígena gosto e acho muito importante trabalhar nessa área, dos conhecimentos sobre as plantas medicinal, porque aqui na aldeia temos a floresta e a floresta ela nos oferece o nosso material didático. Além de trabalhar a essas atividades de conhecimento sobre as plantas medicinais a gente preservar a floresta e nos tornamos guardiões, caso contrário, não teremos lugar para fazer pesquisa. A escola ir até a floresta, ou melhor, digo, o fato de a nossa terra indígena ter a floresta em pé, também a torna uma escola, uma escola verde, porque é ali que estão os conhecimentos, conhecimentos outros, tradicional, que não estão sistematizados e curricularizados na escola formal, e que faz sentido para nós.

Na sala de aula acontece a teoria, e a prática vai acontecer na floresta, isso nos remete ao que Paulo freire disse em relação a uma educação que não emancipa quando a teoria esta “descolada” da prática. Neste sentido vale citar que no entrelaçamento e tensão existente entre a teoria e prática na educação, a práxis pedagógica deve ser vista como possibilidade de co-relação entre sujeitos pensantes e pensados no processo educacional. A relação teoria e prática na educação abre caminhos emancipatórios norteadores para a formação de sujeitos, que pensam a sociedade de forma coerente aos preceitos do ser mais, como possibilidade do educador/a e do educando/a. A condição dos sujeitos em processo de conhecimento é tão humana, que é capaz de possibilitar a transformação de si e de outrem. Para isso, teoria e prática imbuídas de práxis, são condições necessárias para a formação de sujeitos sensíveis, emancipados, solidários e transformadores do mundo. (FREIRE, 2016)

Precisamos como professor indígena e não indígena ousar nos espaços de formação, e neste sentido devemos ir aprimorando a capacidade de

transformação social, desenvolvimento intelectual, constituição de relações e, evidentemente, construção de conhecimento. Quando falamos em transformação, temos presente a interdependência entre o transformar, formar e agir. E em consideração a esses elementos vimos como possível a colaboração de sabedor indígena, e assim precisamos aproximar mais a escola dos sabedores e da floresta.

Na pesquisa fizemos os **registros fotográficos e escritos** sobre a participação dos alunos das escolas EEI Zavidjahj Xikobi pohv das turmas do, 7^a. 8^a e 9^o ano sobre a pesquisa de campo e sobre os usos das plantas medicinais junto ao sabedor indígena. Os estudantes da escola participaram ativamente da pesquisa, percebi o envolvimento de todos os alunos na pesquisa de campo junto com o sabedor indígena. Depois socializamos com alunos o que eles acharam, em dado momento um aluno perguntou sobre as plantas venenosas, mas o foco são as plantas curativas.

Foi feito um trabalho no formato de relatório das atividades da pesquisa de campo na língua e todos conseguiram concluir e entregar o trabalho.

ATIVIDADE DE PESQUISA DE PLANTAS MEDICINAIS DO POVO GAVIÃO

ESCOLA: _____
ALDEIA: _____ DATA: _____
NOME: _____
NOME DO SABEDOR INDIGENA: Valtorino Gavião
NOME DOS DOCENTES: Tânia + Ana

1 TEMA: raiz radicular pivotante do gavião
2 NOME DA PLANTA _____
() SUBTERRÂNEO
() AÉREO
() AQUÁTICA
3 PARA QUE SERVE? raiz radicular pivotante do gavião
4 HÁ MAIS PLANTAS EM SUAS COMPOSIÇÕES? QUAIS? _____
5 ESSA PLANTA É RAIZ RADICULAR PIVOTANTE.
() SIM () NÃO
6 A RAIZ RADICULAR FASCICULADO.
() SIM () NÃO
7 CAULE TREPADORES.
() SIM () NÃO
8 CAULE RASTEJANTES.
() SIM () NÃO
9 EM SUA OPINIÃO QUAIS AS IMPORTÂNCIAS PRÁTICAS DE USOS DAS PLANTA MEDICINAIS PELO POVO GAVIÃO?
10 O QUE VOCÊ ACHOU SOBRE A PESQUISA DE PLANTAS MEDICINAIS DO POVO GAVIÃO?

Imagem: Exemplo da atividade didática com questões referentes a pesquisa de campo junto ao sabedor Valtorino. Acervo do pesquisador, 2018.

REFERENCIAS :

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. Portland: Dioscorides Press, 1995. (resumo)

ALEXIADES, M. N. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York: New York Botanical Garden, 1996. (resumo)

ALMASSY JUNIOR, A. A. Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, ouro Preto/MG. Tese de doutorado. Viçosa/MG. UFV. 2004. xiv. 132f. il 29cm.

ALMEIDA, E. R. de. Plantas Medicinais Brasileiras: conhecimentos populares e científicos. São Paulo: Hemus, 1993.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). Plantas medicinais: Arte e Ciência, Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, 1996. p.47-68.

ARAÚJO, A.V. Acesso a recursos genéticos e proteção aos conhecimentos tradicionais associados. In: LIMA, A. (Org.). O direito para o Brasil socioambiental. Porto Alegre: Instituto socioambiental. 2002.

ARNOUS, A.H.; SANTOS, A.S.; BEINNER, R.P.C. Plantas medicinais de uso caseiroconhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. Revista Espaço para a Saúde, v.6, n.2, p.1-6. Londrina, 2005.

BAROLLO, R. F. M. Homeopatia: ciência médica e arte de curar. 1. ed. São Paulo, SP: Robe, 1996. 71p.

BLAZZI, T. O maravilhoso poder das plantas. 3 ed. Tatuá, SP. Casa publicadora brasileira, 2002.

BRAGANÇA, F. C. R.; BRAGANÇA, L. A. R. Estudos etnofarmacológicos com plantas medicinais antidiabéticas. In: _____Plantas Mediciniais Antidiabéticas. Niterói, Rio de Janeiro: Eduuff, p. 125-127, 1996.

BRAND, A. Povos indígenas na região do Pantanal e do Cerrado: desenvolvimento participativo, universidades e pesquisa-ação. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2007.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO. Quem são? 2014. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>>. Acesso em: 12 abr. 2014

CARDOZO, I. B.; JUNIOR, I. C. V.. (orgs.). Diagnóstico etnoambiental participativo, etnozoneamento e plano de gestão Terra Indígena Igarapé Lourdes. Porto Velho (RO): Kanindé, 2012.

COSTA, L. C. Viva melhor com a medicina natural. 1ª ed. Itaquaquecetuba, SP: vida plena, 1996.

COUTINHO, D.F; TRAVASSOS, L. M.A; AMARAL, F.M.M. do. Estudo Etnobotânico de Plantas Mediciniais Utilizadas em Comunidades Indígenas no Estado do Maranhão- BRASIL.Visão Acadêmica, Curitiba, v. 3, n. 1, p.7-12, jun. 2002. Semestral. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/academica/article/view/493/406>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

DI STASI, L.C. Plantas Medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo Interdisciplinar. São Paulo - SP: 1996. Pp. 9-86.

FORD, R. I. An ethnobiology source look on the use of plants and animals by American Indians. New York: Garland, 1986. (resumo)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JORGE, S. S. Alves; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M.F.B., COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J.L.D. (Org.). Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais. Seminário de Etnobiologia, Etnoecologia, 1. e Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, 2. Anais... . Cuiabá: Ed. Unicem. p.89-98. 2003.

LORENZI, H. A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

MING, L. C. Levantamento de plantas medicinais na reserve Extrativista "Chico Mendes", Acre. Botucatu, 1995, 180 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de São Paulo.

MORGAN, R. Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais. São Paulo. Hemus. 1994.

PHILLIPS, O., GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. Economic Botany, v.47, n.1, p.15-32, 1993.

SAMPAIO, E.V.S.B; GAMARRA-ROJAS, C.F.L. Uso das plantas em Pernambuco. In: TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (orgs.). Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco. Recife: Secretaria de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente, Editora Massangana, v.2, 2002.

XOLOCOTZI, E. H. El concepto de etnobotánica. In: Memorias del Simposio de Etnobotánica. Ciudad de México: 1982. (resumo)